

A LINGUAGEM FALA E O SUJEITO TAMBÉM

Nelson Coelho Júnior*

Acabo de falar e fico com a impressão de que disse alguma coisa nova; não repeti nada que me lembre já ter ouvido ou lido. Há uma rápida surpresa. Escuto sons que saem da minha boca; consigo diferenciá-los em meio a um emaranhado de expressões que repetem uma linguagem que está sempre em mim, como em toda parte. A surpresa logo se transforma numa alegria, mas alegria desconfortável: será que acabo de *criar* uma expressão nova? Ou fui apenas criado mais um pouco por essa linguagem que me pré-existe? Será que não foi só o acaso reordenando o que já existe? É o mais provável, mesmo porque sempre me lembram que só sou sujeito em função da linguagem ter me construído. E a lógica me diz que não posso construir o que me construiu. Mas a intensidade da expressão continua me provocando. E outras perguntas aparecem: ainda há lugar neste mundo para um sujeito que ao falar cria linguagem? Ou melhor, será que ainda é possível imaginar um movimento incessante de mútua constituição entre sujeito e linguagem?

1

Este texto pretende expor uma concepção sobre linguagem e sua relação com a noção de sujeito, estabelecida a partir de uma leitura crítica da filosofia de Merleau-Ponty. O estatuto da linguagem no interior da filosofia de Merleau-Ponty não é claro, nem inequívoco. Pouco tematizada em suas duas primeiras obras (*A estrutura do comportamento* e *Fenomenologia da percepção*), a

* Psicólogo Clínico. Mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP) e doutorando do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. É co-autor, com Paulo Sergio do Carmo, do livro *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência* (ed. Escuta) e autor do artigo 'O inconsciente em Merleau-Ponty', publicado em *O inconsciente - várias leituras* (ed. Escuta).

linguagem parece ser tema de grande interesse na década de 1950, quando além de alguns cursos no Collège de France ainda merece o denso estudo (mesmo que inacabado) publicado postumamente, em 1969, com o título *A prosa do mundo*. Interesse pela linguagem, em Merleau-Ponty, nunca significou adesão incondicional; ele inicia sua participação no debate do VI Colóquio de Bonneval em 1960, dedicado ao tema do inconsciente, expressando um claro desconforto: "Algumas vezes experimento um mal-estar em ver a categoria da linguagem ocupar todo o lugar" (Ey, 1966; p. 143).

Não é de se estranhar que uma filosofia voltada para a vivência perceptiva, que prioriza a tematização do plano pré-reflexivo em detrimento da consciência reflexiva, mantenha com a linguagem uma relação simultaneamente de interesse e distanciamento.

O tema da linguagem estava inegavelmente na moda nestes anos de grande produção de Merleau-Ponty: da filosofia de Wittgenstein à de Heidegger, dos estudos lingüísticos de Saussure à psicanálise de Lacan, passando pela antropologia estrutural de Lévi-Strauss. Com Lacan e Lévi-Strauss, em particular, Merleau-Ponty mantinha um forte contato não só de ordem acadêmica como pessoal. É difícil saber quais influências foram predominantes em suas idéias sobre linguagem, ainda que por citação, a lingüística de Saussure seja a que se mostre mais presente, além, é claro, da fenomenologia da linguagem de Husserl.

Mas as idéias de Merleau-Ponty são bastante pessoais e precisam ser pensadas em um contexto que envolve toda sua obra. Não é essa, no entanto, a minha preocupação principal aqui; realizei esse percurso em dois outros textos (Coelho Júnior, 1988 e 1992). Agora estou interessado em expor, da forma mais clara possível, a proposta radical da mútua constituição entre sujeito e linguagem.

2

Sujeito e linguagem: intensidades em mútua constituição. Sujeito e linguagem, conceitos que não precisam se opor. O 'e', aqui, não indica dois termos exteriores um ao outro: intensidades em mútua constituição, e não entidades separadas em oposição ou em relação. Este ponto é fundamental. A eterna necessidade em se determinar o primeiro (constituente) para se conhecer o segundo (constituído), deixa de fazer sentido. Como princípio, não há anterioridade do sujeito com relação à linguagem, nem da linguagem com relação ao sujeito. São intensidades. Constituem-se mutuamente. Não há exterior, nem interior. A linguagem não é compreendida como operação do pensamento que está no interior do sujeito. Sujeito e linguagem se constituem a partir da expres-

sivida
menta
sujeito
Merle
pares
fala e
tivame
No pr
human

S
jeito e

A
particul
de todo
aprisori
soberan

O
acumula
tuído, a
falantes.
torne-se

sividade própria de um corpo vivido, se quisermos utilizar uma noção fundamental nos primeiros livros de Merleau-Ponty. Em seus últimos textos ele diria: sujeito e linguagem são *carne (chair)*.¹ Em todo este tema, há sempre em Merleau-Ponty a recusa de uma concepção dualista, marcada pelos recorrentes pares de opostos, como *sujeito e objeto*. "Procurando descrever o fenômeno da fala e o ato preciso de significação, teremos oportunidade de ultrapassar definitivamente a dicotomia entre sujeito e objeto" (Merleau-Ponty, 1945; p. 203). No processo desta descrição, na busca dos fundamentos de toda expressividade humana, surgem como elementos primordiais o silêncio e o gesto:

Nossa visão sobre o homem permanecerá superficial enquanto não remontarmos a esta origem, enquanto não reencontrarmos, sob o barulho das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe este silêncio. A fala é um gesto e sua significação um mundo (ibid.; p. 214).

Silêncio e gesto. Intensidades criativas, campo de intensidades onde sujeito e linguagem se constituem mutuamente, gerando sentidos e um mundo.

3

A linguagem fala e o sujeito também. A linguagem antecede o sujeito particular que a utiliza; mas ao mesmo tempo, criar linguagem é possibilidade de todo sujeito. A linguagem não precisa ser entendida como uma estrutura que aprisiona e determina e tampouco o sujeito precisa ser pensado como o ditador soberano da expressividade. Há movimento constante. Intensa reversibilidade.

Isto prova que cada ato parcial de expressão, enquanto ato comum do todo da língua, não se limita a depender uma capacidade expressiva nela acumulada, mas a ambas recria, permitindo-nos verificar, na diferença entre o sentido dado e o recebido, o poder que têm os sujeitos falantes para ultrapassar os signos no sentido. Não se restringem os signos para nós a um evocar-se sem fim, a linguagem não é prisão onde estamos encerrados, ou o guia a que é preciso confiar-se cegamente... (Merleau-Ponty, 1960; p. 101).

O ato expressivo recria a língua e a própria capacidade expressiva nela acumulada. Há a língua. Há a linguagem. Mas elas não são um em si, já instituído, apenas. Elas são, enquanto são constantemente recriadas pelos sujeitos falantes. A linguagem por já estar aí é o que permite que um ato expressivo torne-se comunicação. No entanto, o ato expressivo é sempre de alguém. E é

por isso que "... a linguagem é bem o que temos de mais individual, ao mesmo tempo que dirigindo-se aos outros, ela se faz valer como universal" (Merleau-Ponty, 1945; p. 120).

4

Fala falada e fala falante. A fala está sedimentada em um grande número de sentidos adquiridos ou já constituídos, mas pode a cada momento inovar, criar novos sentidos, fazer da linguagem uma linguagem nova. Esse movimento entre inovação e sedimentação faz com que Merleau-Ponty (1945; pp. 229-230) sugira a existência de dois tipos de fala:

Poder-se-ia distinguir entre uma fala falante (*parole parlante*) e uma fala falada (*parole parlée*). A primeira é aquela na qual a intenção significativa se encontra em estado nascente. Aqui a existência se polariza num certo 'sentido' que não pode ser definido por nenhum objeto natural, procura reunir-se consigo mesma para além do ser e por isso cria a fala como um apoio empírico de seu próprio não ser. A fala é o excesso de nossa existência sobre o ser natural. Mas o ato de expressão constitui um mundo lingüístico e um mundo cultural, faz recair no ser aquilo que tendia para além. Surge daí a fala falada, que frui as significações disponíveis como uma fortuna adquirida. A partir dessas aquisições tornam-se possíveis outros atos de expressão autêntica: os do escritor, do artista ou do filósofo. Esta abertura sempre recriada na plenitude do ser condiciona a primeira fala da criança como a fala do escritor, a construção do vocábulo como a do conceito. Tal é esta função que adivinhamos atrás da linguagem, que se reitera e se apóia sobre si mesma ou que, como uma vaga, se comprime e se retoma para projetar-se além de si mesma.

Fala falada e fala falante mutuamente se constituem e estabelecem em sua tensão um movimento que cria a própria linguagem. Não há necessidade de pensarmos a linguagem como síntese, até porque, em certo sentido, ela é simultaneamente apenas fala falada e fala falante. Por outro lado, antecede a fala, mas só existe, paradoxalmente, porque é recriada constantemente pela fala.

5

Psicoterapia, sujeito e linguagem. O trabalho psicoterapêutico acontece em meio a um movimento paradoxal da linguagem: para ser comunicação, a linguagem deve preexistir a cada fala singular; no entanto, simultaneamente,

só po
der d
també
novo
mentc
rfsticc
não é
plano
traball
da fal:
guage:
de ten
temenl
traball
exister

Nota

1. A m
Merl
maté
'elen
fogo
temp
todor
mard

Referé

COELHC
Mer

São

EY, Heni

MERLEA

só possuirá toda sua potência expressiva se for recriada a cada nova fala. O poder da linguagem situa-se nesse movimento. A fala é repetição, mas pode ser também ato criativo. Pensar o sujeito ou a linguagem apenas como movimento novo e criativo é desconsiderar a necessária repetição, que funciona como elemento de coesão e "estrutura". A pura e simples repetição é o espaço característico da neurose; no entanto, o puro e simples movimento criativo e inovador não é garantia da constituição de um espaço de saúde. Trabalhar na tensão, no plano do "quiasma" ou no "entre", para utilizar conceitos centrais dos últimos trabalhos de Merleau-Ponty, é o desafio de todo trabalho terapêutico. A busca da fala criativa, do movimento inovador, é a prática constante do limite da linguagem e, portanto, do limite do sujeito. O "quiasma", o "entre" é este espaço de tensão. O novo torna-se rapidamente o instituído; e não existe o permanentemente novo. Há tensão entre o já instituído e o novo. É nesta tensão que o trabalho terapêutico pode gerar espaços criativos. É nessa tensão, e só nela, que existem as criatividades.

Nota

1. A noção 'carne' (*chair*) é fundamental na elaboração da Ontologia do Ser Bruto que Merleau-Ponty desenvolve em seu último livro, *O visível e o invisível*: "A 'carne' não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo 'elemento', no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma *coisa geral*, meio caminho entre o indivíduo espaciotemporal e a idéia, espécie de princípio encarnado que imprime um estilo de ser em todos os lugares onde encontra uma parcela sua." (*Le visible et l'invisible*, Paris, Gallimard, 1964; p. 184.)

Referências bibliográficas

- COELHO JÚNIOR, Nelson (1988). *O visível e o invisível em psicoterapia – a filosofia de Merleau-Ponty penetrando a prática clínica*. São Paulo, PUC. Dissertação de Mestrado.
- e CARMO, Paulo S. (1992). *Merleau-Ponty: filosofia como corpo e existência*. São Paulo, Escuta.
- EY, Henri (org.) (1966). *L'inconscient. VI Colloque de Bonneval*. Paris, Desclée de Browe.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1945). *Phénoménologie de la perception*. Paris, Gallimard.
- (1960). *Signes*. Paris, Gallimard.
- (1964). *Visible et l'invisible*. Paris, Gallimard.

Guat
dade
em s
lingü
tante
(para
res s
de la

Guat
tendo
passa
acred
de un
promi
com C
Subje
inter
espaç
pressu
oferec
(
compl

*Profes
CAP-U
na PUC